

Novo Governo: Políticas Novas

por Mário Soares

Está empossado, desde Sábado, o novo Governo, o XVII Constitucional. 16 Ministros e 36 Secretários de Estado. Trata-se de um Governo equilibrado, com tantos PSs como independentes, com menos mulheres do que seria de esperar, mas ao critério da paridade, há que reconhecê-lo, devem sobrepor-se o da disponibilidade e, como é óbvio, de competência e esses cumpre ao Primeiro Ministro - e só a ele - avaliá-los.

É de justiça salientar a coragem do Primeiro Ministro ao assumir a responsabilidade - na situação em que o País se encontra, que é unanimemente considerada como muito grave - de formar um governo "para ultrapassar a crise e salvar Portugal". Os que gostam de desempenhar o papel de "treinadores de bancada", sempre prontos a exhibir o seu direito de crítica - incontestável - não devem menosprezar todavia este aspecto, a coragem e determinação do Primeiro Ministro, que contrastam com experiências recentes dos que fugiram ou se esquivaram a assumir tais responsabilidades.

Sócrates não se deixou intimidar. Com serenidade, economia de palavras e firmeza, aliadas à discrição, assumiu os desafios tremendos que, nos próximos tempos, terá, inexoravelmente, de defrontar e vencer. A "porta" para esse caminho, tão árduo e arriscado, é muito estreita. Governar de acordo com o seu programa (o eleitoral e o do Governo, que se espera sejam complementares), sem concessões aos seus adversários, foi o que prometeu Sócrates. Ora antes, aqui e ali, têm aparecido a querer impor-lhe reformas que eles mesmos - e os seus correligionários - não foram capazes de realizar. Com que autoridade política e moral, quando o Povo falou?

Trata-se, com efeito, de executar, sem exageros, uma política anunciada de rigor financeiro, de modo a equilibrar o famigerado défice - esperemos que o PEC europeu se torne, entretanto, mais flexível - e, ao mesmo tempo, pôr em execução políticas sociais, na tradição do 25 de Abril, em domínios tão decisivos como: a saúde, o trabalho, a segurança social, a educação e a justiça, procurando reduzir a pobreza e as desigualdades entre portugueses - cada vez maiores, nos últimos anos - e encarando a sério a inclusão social dos imigrantes na sociedade portuguesa. Uma questão grave, que deve ser tomada muito a sério. Um reparo: o mar - tão decisivamente importante - ficar entregue a um Secretário de Estado e ainda por cima da Defesa, não me parece de bom augúrio. Oxalá me engane!

Vários dos mais conceituados economistas portugueses pensam - e têm-no afirmado - que não é impossível compatibilizar esses dois objectivos, ainda que seja difícil: por um lado, reduzir as despesas públicas e aumentar as receitas, pelo combate à fraude fiscal e, eventualmente, subindo alguns impostos, em especial dos escalões superiores; e, por outro, promover políticas sociais mais justas, capazes de contribuir, como é necessário e indispensável, para uma sociedade menos crispada e mais confiante, que favoreça o rendimento do trabalho, a competitividade, a inovação mas também a luta contra o desemprego, como foi prometido.

Claro que tudo isto só é possível numa perspectiva de um governo que dure quatro anos, em que as políticas sejam explicadas, regularmente, talvez mesmo pelo próprio Primeiro Ministro - de modo a suscitar confiança - resultando, ao mesmo tempo, de uma verdadeira concertação social, baseada num diálogo social continuado, aberto a sugestões dos partidos da Esquerda, que estão fóra da área do poder.

Este aspecto é importante, embora sectores da Direita pensem - e digam, insistentemente - o contrário, como é natural, do seu ponto de vista. Em Outubro, haverá eleições autárquicas. Ora para que o PS as ganhe - como é fundamental para evitar alguma turbulência política - terá que fazer arranjos à Esquerda (com o Bloco e o PCP ou ambos) se quiser recuperar algumas Câmaras, particularmente nas grandes urbes, onde o Bloco e o PCP tiveram resultados significativos. Até porque quase imediatamente a seguir haverá eleições presidenciais, que podem ser ganhas à Esquerda, como escrevi num artigo publicado na Visão, após os resultados eleitorais, ao arrepio do que pensam os comentadores encartados da Direita ou próximos dela.

Note-se - num breve parêntesis - que a Direita está desmantelada e dividida. Os candidatos à liderança do PSD vão dividi-la ainda mais, embora em sentidos diferentes: Marques Mendes unirá mais o PSD, mas fechará todas as portas ao CDS/PP e aos santanistas (haverá ainda alguns e activos); Filipe Menezes, divide o PSD mas terá possibilidade de ganhar votos na área do CDS/PP. Donde, na primeira hipótese, a tentação de uma Candidatura de Portas à Presidência, não será de excluir. Como assim? Para tentar provar que terá mais votos sozinho do que o próprio CDS/PP teve e assim facilitar e justificar o seu regresso à liderança do PP, com foguetes e morteiros...

De resto, o Governo Sócrates só durará quatro anos - prazo mínimo necessário para deixar uma grande marca pessoal neste novo ciclo da política portuguesa - se conseguir ganhar as eleições autárquicas e as presidenciais. Caso contrário, haverá grande probabilidade de começar a patinar e a sofrer alguma inevitável contestação. Sucede que os próximos quatro anos são um prazo suficiente para que a política da União Europeia dê uma grande volta - espero - que beneficie e ajude seriamente Portugal.

Repare-se ainda que, nas eleições de 20 de Fevereiro, não houve transferências de votos da Direita para a Esquerda, como explicou, com argúcia, Pedro Magalhães, no estudo da Universidade Católica. Houve, da parte do PS, uma mobilização total do seu eleitorado tradicional; e da parte do PSD, uma grande abstenção do seu eleitorado. O que é diferente!

O Governo tem agora condições para realizar um bom trabalho e inverter o sentido de marcha impresso pela Coligação de Direita, que foi desastroso para Portugal. É necessário que o consiga. A Esquerda não PS deve perceber que só tem a ganhar com isso. A política do "quanto pior melhor" - que foi no passado uma tentação, em certos momentos, de funestas consequências - seria um desastre, também agora, para essa Esquerda, porque abriria de novo o caminho a uma Direita reconstruída, mais forte e com novos líderes. Um perigo!

Sócrates - e os seus três eficazes ministros de Estado: António Costa, Freitas do Amaral e Campos e Cunha, bem como, globalmente, toda a equipe governativa - porventura talvez com um excesso de Secretários de Estado - parece-me convincente e adequada. Constitui um conjunto convergente e sério, apesar das diversidades de experiências políticas e pessoais. Um Governo que se considera a si próprio investido numa missão de "salvação nacional". Empenhado no serviço público, pondo decisivamente o interesse nacional acima dos interesses privados dos lobbies, das corporações e das clientelas, como sublinhou Sócrates no seu discurso de posse.

Felicitto-me por se ter voltado a essa tradição de "serviço público", que vinha desde o 25 de Abril, e que parecia estar a perder-se, nos últimos anos. Com a moda das privatizações, da alienação apressada de bens públicos, de transacções pouco transparentes e a introdução de agentes de interesses privados (conhecidos) em postos-chave do aparelho administrativo do Estado e de grandes empresas dependentes do mesmo Estado.

Recentemente, duas vezes autorizadas, a do ex-ministro João Cravinho e a do professor Saldanha Sanches, alertaram o País contra o fenómeno crescente do aumento impressionante da corrupção. Não é um fenómeno exclusivamente português. A própria União Europeia sentiu a necessidade de atacar a corrupção, através de inquéritos aos diferentes Estados membros. Se o governo Sócrates se puder adiantar, nesse propósito, com coragem e eficácia, será outro grande serviço que prestará a Portugal. Tenhamos esperança!

Em tempo: O regresso de Santana Lopes à Câmara Municipal de Lisboa, no contexto conhecido, sendo legal, constitui um erro político e pior: um acto de manifesta insensatez. O eleitorado não compreenderá nem lhe perdoará. Tenho pena que tivesse acontecido: por Lisboa, por Santana e por Carmona Rodrigues.

Lisboa, 17 de Março de 2005